



Figura 1.2.3.a – Foto de córrego canalizado na região central de Guarulhos, Av. Tirdentes.
Fonte: Secretaria de Desenvolvimento Urbano de Guarulhos

Esta política, além de agravar os problemas de inundações no conjunto da bacia hidrográfica, provocava um enorme desperdício de recursos públicos. Isto porque, exigia a execução de cada vez mais obras para tentar livrar as áreas das novas e crescentes inundações, que iam sendo transferidas para outras áreas situadas rio abaixo.

Além dos óbvios prejuízos, essas obras sucessivamente demandadas são cada vez mais caras, pois têm de lidar com crescentes vazões, a serem acomodadas em estruturas que vão tomando proporções agigantadas, disputando espaços já ocupados pela urbanização. Isto implica em maiores e mais custosas desapropriações, bem como a necessidade de dar solução a todas suas interferências com a infra-estrutura já implantada nos locais das obras.

Essa orientação geral tem agravando os problemas para a população e dificultado sua solução, além de ampliar os gastos com toda a seqüência de obras necessárias para afastar a água para locais cada vez mais distantes. Em síntese, esse fenômeno já é amplamente conhecido por seus efeitos desastrosos: o crescimento contínuo da infra-estrutura de drenagem faz crescer as vazões no sistema, aumentando seus picos de inundação.

O agravamento das condições de escoamento das águas nas áreas urbanas fez com que, a partir da década de 90, tivessem melhor aceitação propostas de substituição das estruturas hidráulicas tradicionais por reservatórios de retenção², ou detenção³, também conhecidos como “piscinões”, que já estavam sendo implantados em países do hemisfério Norte. Essas novas intervenções foram propostas com o objetivo de reter parte das vazões de pico, diminuindo o risco de enchentes, na medida em que permitiam a liberação lenta das águas que eram acumuladas nos reservatórios durante as chuvas intensas.

Na realidade, os reservatórios acabaram assumindo um papel emergencial no enfrentamento das crescentes inundações, uma vez que os sistemas existentes nas áreas densamente urbanizadas não tinham como absorver as crescentes vazões geradas pelas obras tradicionais.



Figura 1.2.3.b – Foto de um reservatório de amortecimento de cheias (piscinão) na cidade de São Paulo, Av. Águas Espreiadas.
Fonte: www.panoramio.com/photos/722317.jpg e www.panoramio.com/photos/original/729175.jpg – Acessado em 25/07/08.